



FACULDADE EVANGÉLICA DE GOIANÉSIA

POLLYANA MILANI DE ANDRADE

**A NÃO ADESÃO VACINAL CONTRA INFLUENZA: UMA REVISÃO DA
LITERATURA**

Publicação nº: 02/2021

Goianésia

2021



FACULDADE EVANGÉLICA DE GOIANÉSIA

POLLYANA MILANI DE ANDRADE

**A NÃO ADESÃO VACINAL CONTRA INFLUENZA: UMA REVISÃO DA
LITERATURA**

Artigo TCC apresentado ao curso de Bacharel em Enfermagem da Faculdade Evangélica de Goianésia – FACEG – como requisito para a obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Elias Emanuel Silva Mota

Goianésia

2021

**ASSOCIAÇÃO EDUCATIVA EVANGÉLICA
FACULDADE EVANGÉLICA DE GOIANÉSIA
CURSO DE ENFERMAGEM**

**A NÃO ADESÃO VACINAL CONTRA INFLUENZA: UMA REVISÃO DA
LITERATURA**

POLLYANA MILANI DE ANDRADE

**ARTIGO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM APRESENTADA COMO PARTE
DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO GRAU DE BACHAREL EM
ENFERMAGEM.**

APROVADA POR:

ELIAS EMANUEL SILVA MOTA, DOUTOR
Faculdade Evangélica de Goianésia – FACEG
ORIENTADOR

LAIS CARDOSO DO NASCIMENTO, MESTRE
Faculdade Evangélica de Goianésia – FACEG
EXAMINADOR

LILHIAN ALVES DE ARAÚJO, DOUTORA
Faculdade Evangélica de Goianésia - FACEG
EXAMINADOR

Goianésia/GO, DATA DA DEFESA.

FICHA CATALOGRÁFICA

ANDRADE, P. M. de. A não adesão vacinal contra influenza: uma revisão da literatura, 2021. 24p.

Artigo de Graduação – Faculdade Evangélica de Goianésia, 2021.

1. Vacinas contra Influenza 2. Recusa de Vacinação. 3. Esquemas de Imunização.

REFERÊNCIA

ANDRADE, P. M. de. A não adesão vacinal contra influenza: uma revisão da literatura. Orientação de Elias Emanuel Silva Mota; Goianésia: Faculdade Evangélica de Goianésia, 2021, 24p. Artigo de Graduação.

CESSÃO DE DIREITOS

NOME DO AUTOR: POLLYANA MILANI DE ANDRADE

GRAU: BACHAREL EM ENFERMAGEM

ANO: 2021

É concedida à Faculdade Evangélica de Goianésia permissão para reproduzir cópias deste Artigo de Graduação para única e exclusivamente propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte deste Artigo pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada à fonte.

Pollyana Milani de Andrade

Nome: POLLYANA MILANI DE ANDRADE

CPF: 702.769.831-57

Endereço: Rua Alto do Rosário, Vila Isaura, s/n., Vielinha. Jaraguá-Go, CEP 76.330-000

E-mail: pollyanamandrade@hotmail.com

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, pois sem Ele nada disso seria possível. Aos meus pais que nunca mediram esforços para que eu chegasse até aqui, aos meus irmãos e aos meus amigos que sempre me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem durante toda essa longa caminhada, por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino.

Aos meus pais, Elenice Nunes Milani e Edio Felix De Andrade pelo amor, incentivo e apoio incondicional de sempre. Sem eles, com certeza a tarefa teria sido muito mais árdua.

Aos meus irmãos, Thalles Sebastião Milani de Andrade e Janaína Nunes Milani por sempre acreditarem em mim.

À amiga que tenho para mim como irmã, Samara Camargo Gonçalves Da Silva por todo carinho, apoio e força, por nunca me deixar desistir e sempre acreditar que eu seria capaz.

Aos amigos que caminharam comigo durante esses cinco anos e se tornaram minha segunda família: Clara Lusia Sousa, Davidson Rodrigues Batista, Lalleska Moreira de Lemos, Pabline Pessoa, Tatielly Ramos Moraes e Wellida Guedes. Juntos conseguimos avançar e ultrapassar todos os obstáculos.

À Amanda Nunes e Eduarda Melo por me dar todo apoio e sempre se disponibilizarem quando mais precisei.

À Diane Mendes e Alex por todos os conselhos, atenção e cuidado.

À Milena Felix por me motivar e encorajar.

Ao meu professor orientador, Doutor Elias Emanuel Silva Mota por toda orientação, dedicação e paciência durante o projeto, por indicar a direção correta que o trabalho deveria tomar.

E a todos amigos, colegas e familiares que direta ou indiretamente colaboraram, apoiaram, e estiveram torcendo por mim, para que eu concluísse essa etapa tão importante da minha vida.

“Que seu remédiao seja seu alimento, e que seu alimento seja seu remédiao.” (Hipócrates)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
MÉTODO.....	11
RESULTADOS	13
DISCUSSÃO	16
CONCLUSÃO.....	21
CONTRIBUIÇÕES	21
CONFLITO DE INTERESSES.....	21
REFERÊNCIAS.....	21

A NÃO ADESAO VACINAL CONTRA INFLUENZA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

será submetido a revisa de enfermagem UFPE online

Pollyana Milani de **Andrade**¹, Elias Emanuel Silva **Mota**^{2*}

¹Faculdade Evangélica de Goianésia - FACEG, Enfermagem. Orcid (<https://orcid.org/0000-0002-3591-1862>)

²Faculdade Evangélica de Goianésia - FACEG, Enfermagem. Orcid ()

*Av. Brasil 1000. Bairro Covoá. Goianésia-Go. Tel.:3389-7350

E-mail: pollyanamandrade@hotmail.com

RESUMO

Objetivo: identificar os fatores relatados por adultos pacientes ou pais e/ou responsáveis de crianças associados à não adesão à vacinação contra influenza conforme a literatura. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. A coleta foi realizada em agosto e setembro de 2020. Os artigos foram buscados a partir da Biblioteca Virtual de Saúde nas seguintes bases de dados: BDNF, MEDLINE e SCIELO, por meio dos descritores: vacinas contra influenza, recusa de vacinação e esquemas de imunização. A pergunta norteadora utilizada foi: Quais são os fatores relatados por adultos e idosos pacientes, pais e/ou responsáveis de crianças e idosos associados à não adesão à vacinação contra influenza? Após compilação dos artigos com base nos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, e posterior seleção com base na leitura do título, resumo e artigo na íntegra, oito foram elegíveis para compor a presente revisão interativa. **Resultados:** A vacina tem sido relatada como intervenção apropriada para reduzir a morbimortalidade de doenças imunopreveníveis. Diante dos resultados foi observado a não adesão à vacinação em três contextos: crianças, adultos e idosos. De modo geral, os principais fatores apontados para não adesão foram: falta de informação, falta de confiança na segurança da vacina e medo das reações adversas. **Conclusões:** É necessário intensificar os projetos sobre educação em saúde e adotar estratégias com abordagens voltadas à cada tipo de público, com orientações voltadas a sanar os mitos sobre as vacinas e incentivar as pessoas à adesão, o que irá contribuir com a redução dos movimentos antivacinas e acabar com boatos e falsas publicações sobre a eficácia das vacinas.

Palavras-chave: Vacinas contra Influenza. Recusa de Vacinação. Esquemas de Imunização.

INTRODUÇÃO

A vacina tem por função estimular o sistema imune a produzir anticorpos e proteger o corpo contra bactérias e vírus causadores de doenças infecciosas. A primeira publicação sobre vacinas foi realizada em 1798 pelo médico inglês Edward Jenner, que descobriu a inoculação do exsudato do vírus de *vacínia* (doença benigna), que conferiu imunidade à varíola. Porém, quem

recebeu o mérito foi o médico francês Louis Pasteur, em 1885, com o desenvolvimento da vacina antirrábica¹⁻².

No início do século XIX as vacinas eram utilizadas para controlar doenças. Em 1973 foi instituído o Programa Nacional de Imunizações (PNI), regulamentado pela Lei Federal n. 6.259, de 30 de outubro de 1975, e pelo Decreto n. 78.321, de 12 de agosto de 1976, que instituiu o Sistema Nacional de Vigilância Epidemiológica (SNVE). O PNI estabeleceu a política nacional de vacinação, implementando ações de vacinação, tendo por aliados aos Sistema Único de Saúde (SUS), e as secretarias estaduais e municipais de saúde em todo território nacional³⁻⁴. Em 1977 foi aprovado o modelo da Caderneta de Vacinação por meio da Portaria GM/MS n. 85, de 4/4/1977. Em 1979, o Brasil recebeu o certificado da Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre a erradicação da varíola, e, foi implantada a vacina contra o sarampo. Em 1980 foi implantado a vacinação nacional contra poliomielite. Em 1981 ocorreram campanhas estaduais de combate ao sarampo⁵.

Em 1982 foram elaboradas Normas Técnicas para o Sistema de Vigilância Epidemiológica. Em 1984 foi realizado dias nacionais de multivacinação das vacinas DPT e contra o sarampo. Em 1986 foi criado o Plano de Ação para a Erradicação da Poliomielite no Brasil (Resolução Ciplan nº 4, de 6/2/1986), o personagem “zé gotinha”, e o primeiro manual de procedimentos de vacinação. Em 1991 ocorre a vacinação da BCG em recém-nascidos, e implantação da vacina contra hepatite B na Amazônia⁵.

Em 1994 foi implementada a Estratégia em Saúde da Família (ESF), para atuar na atenção as famílias, incluindo verificar a caderneta de vacinação e a situação vacinal, e encaminhar a população para vacina conforme calendários. Em 2006 foi estabelecida a Política Nacional de Atenção Básica com intuito de proteger, prevenir, diagnosticar, realizar tratamento e manutenção da saúde. As vacinas são ofertadas conforme calendário considerando: tipo de vacina, número de doses e reforço, idade, intervalos entre doses⁴.

Os calendários são regulamentados pela Portaria ministerial n. 1.498 de 19 de julho de 2013, no âmbito do PNI, em todo território nacional. O Brasil oferece grande quantidade de vacinas a população, são aproximadamente 300 milhões de doses anuais gratuitas, entre 44 imunobiológicos, incluindo vacinas, soros e imunoglobulinas. São cerca de 34 mil salas de vacinação, 42 Centros de Referência em Imunobiológicos Especiais (CRIE) criados considerando as evidências epidemiológicas, eficácia e segurança vacinal e garantia de sustentabilidade³⁻⁴.

Até o ano de 2003, os calendários de vacinação beneficiavam apenas as crianças. Porém, desde 1980 outros grupos já recebiam vacinas, apesar de não constar no calendário. A partir de 2004 as vacinas passaram a ser regulamentadas pela Portaria 597 de 8 de abril de 2004⁴.

A influenza sazonal, conhecida popularmente como gripe, é uma doença grave, que pode levar a complicações, internações e até a morte. É comumente confundida com resfriado levando a cada ano cerca de 772 mil pessoas a hospitalização, onde 41 a 71 mil dessas pessoas vão a óbito nas Américas. Desse modo, requer atenção para que haja a correta imunização das pessoas e o enfermeiro é o principal agente para promover a adesão⁷.

OBJETIVO

Esta pesquisa teve por objetivo identificar os fatores relatados por adultos e idosos pacientes ou pais e/ou responsáveis de crianças associados à não adesão à vacinação contra influenza conforme a literatura.

MÉTODO

A presente pesquisa trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Teve como base o ensinamento de Souza *et al.*⁷, que relatam essa modalidade de pesquisa como aquela que reúne achados de vários autores de diferentes metodologias, buscando sintetizar seus resultados de modo sistemático e rigoroso. Tem sido adotada pelos pesquisadores da área de Enfermagem

devido ao rigor teórico-metodológico que é estabelecido pela pesquisa empírica tradicional e seus resultados permitem acessar a informação acumulada e desenvolver novas pesquisas.

A coleta foi realizada em agosto e setembro de 2020. Os artigos foram buscados a partir da Biblioteca Virtual de Saúde nas seguintes bases de dados: Base de Dados de Enfermagem (BDENF), *Medical Literature Analysis and Retrieval System on-line* (MEDLINE), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), utilizando os descritores (DeCS): Vacinas contra Influenza, Recusa de Vacinação e Esquemas de Imunização. A pergunta norteadora utilizada foi: Quais são os fatores relatados por adultos e idosos pacientes, pais e/ou responsáveis de crianças associados à não adesão à vacinação contra influenza?

A pesquisa foi desenvolvida conforme as etapas para coletar dados descritas por Sousa *et al.* (2017), quais sejam: 1) escolher um tema, construir hipóteses e uma pergunta norteadora; 2) Elaborar os critérios de inclusão e exclusão para selecionar os artigos; 3) categorizar os estudos com as seguintes informações: autor, ano, título, publicação, participantes, resultados; 4) avaliar os dados coletados; 5) interpretar e apresentar os resultados e 6) apresentar a revisão integrativa.

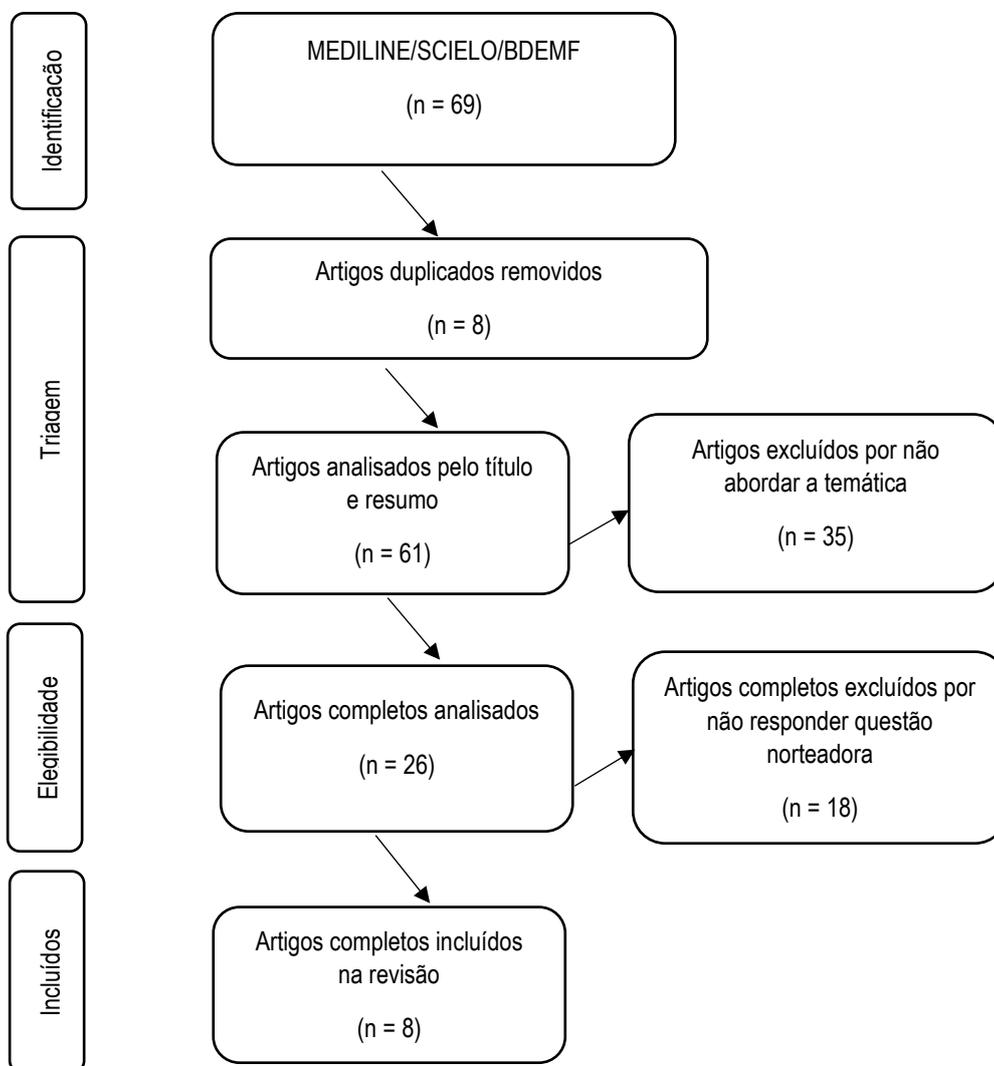
Foram incluídos neste estudo: artigos científicos completos, em idioma português, publicados entre 2016 e 2021. Foram excluídos: artigos de revisão da literatura, e aqueles que não possuíam informações pertinentes à pergunta norteadora, artigos que retratam sobre os motivos à não vacinação de forma geral ou sobre outras doenças.

Os dados foram selecionados considerando estudos de evidências científicas descritos por Sousa *et al.*⁷ que recomendam utilizar: 1) pesquisa documental, epidemiológica; 2) estudos de campo; 3) estudos de coorte e de casos; 4) estudos quantitativos e qualitativos; 5) relato de caso e experiência; 6) pesquisa exploratória e transversal.

Na busca com os descritores selecionados foram encontrados 69 artigos, onde 38 artigos da MEDILINE, 24 da BDENF e 07 da SCIELO. Foram lidos os títulos e resumos, analisados e verificado que 8 eram duplicados, 35 não respondiam o objetivo proposto nem a pergunta norteadora, foram

descartados. Dos 26 artigos restantes, foram lidos na íntegra e verificado que 08 foram elegíveis para compor a revisão interativa (Fluxograma 1).

Fluxograma 1 - Seleção dos artigos, 2021.



Fonte: autores, 2021.

RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa apontaram oito autores que abordaram a temática, capazes de responder à pergunta norteadora e alcançar o objetivo proposto. Estão descritos em ordem cronológica no quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - Autores que descreveram sobre a não adesão a vacinas contra influenza, 2021.

N.	Ano	Publicação	Autor(se)	Título	Tipo de estudo/nível de evidência	Participantes	Motivos da não adesão
1	2016	Revista Atenção Saúde	Dias, L.P.; Dias, M.P.	Avaliação dos fatores relacionados à não adesão à segunda dose da vacina h1n1 em um centro de saúde-escola	Estudo descritivo-exploratório	264 crianças	Ausência de informação quanto à necessidade do retorno à unidade de saúde para completar o esquema de vacinação; descompasso entre a informação da ficha de registro na unidade de saúde e o que estava anotado no cartão da criança; e falta de vacina na unidade, o que interfere a atualização do cartão das crianças.
2	2016	Epidemiologia em Serviços de Saúde	Neves, R.G.; Duro, S.M.S.; Tomasi, E.	Vacinação contra influenza em idosos de Pelotas-RS, 2014: um estudo transversal de base populacional	Estudo transversal	1.451 idosos	Entre os não aderentes (n=414), o principal motivo foi 'não quis/não gosta' (45%).
3	2017	Associação Brasileira Rede Unida	Silva, L.E. da; Lopes, A.V.; Medeiros, L.R. de	Baixa adesão dos idosos a vacina contra o vírus influenza: um relato de experiência	Pesquisa de campo, com abordagem quali-quantitativa	idosos com idade superior a 60 anos	No que se refere aos motivos da não-adesão à vacina influenza, os relatos foram: crença de que a vacina provoca reação 50% (13), não considerar a vacina necessária 40% (10), esquecimento 10% (3).
4	2017	Revista Gaúcha de Enfermagem	Arrelias, C.C.A. et al.	Vacinação em pacientes com diabetes mellitus na atenção primária à saúde: cobertura e fatores associados	Estudo transversa	255 pacientes	A baixa porcentagem de pacientes com vacinação atualizada para a vacina influenza permite supor que a maioria dos pacientes já teve contato com a vacina, no entanto não aderiram à sua recomendação anual. Esse fato pode estar relacionado a uma diminuição no enfoque dado ao diabetes como um dos grupos prioritários de vacinação.
5	2018	Cogitare Enfermagem	Siewert, J.S. et al.	Motivos da não adesão de crianças à campanha de vacinação contra a influenza	Pesquisa quantitativa, tipo descritiva	380 responsáveis de crianças entre 6 meses e 4 anos	Os motivos da não adesão à campanha contra influenza foram: medo da reação adversa (21; 51,3%); informação de que a criança estava gripada (10; 24,3%); e desconhecimento sobre a Campanha (12,4%).

6	2021	Revista Bras. Geriatria e Gerontologia	Andrade, A.B.C.A. et al.	Vacinação contra a influenza autorreferida por idosos de áreas rurais ribeirinhas: implicação potencial dos achados frente à pandemia de covid-19 no Amazonas	Inquérito Epidemiológico	102 pessoas idosas	A maioria dos motivos especificados pelos idosos para a não vacinação foram as fragilidades das informações sobre a vacinação (60,71%), seguido por motivos relacionados às barreiras de acesso à vacinação (28,58%).
7	2021	Brazilian Journal of Health Review	Matos, A.F.F. et al.	Conhecimento e adesão vacinal dos idosos ao calendário de vacinação Específico	Estudo exploratório descritivo, com abordagem qualitativa	20 idosos com idade entre 60 e 81 anos	Idosos não aderem por considerarem desnecessário a imunização contra influenza.
8	2021	Einstein (São Paulo).	Meneghini, K.F. et al.	Cobertura vacinal de influenza em idosos e adultos de alto risco: caracterização dos fatores associados	Estudo transversa	680 indivíduos	A não vacinação foi devido a: Insegurança alimentar - 57,9%; Estresse - 55,2%; Perceber que tem boa saúde - 50%; Sintomas depressivos - 58,2%; Não consultar um médico sobre a vacina - 65,3%.

DISCUSSÃO

A vacina tem sido relatada como intervenção apropriada para reduzir a morbimortalidade de doenças imunopreveníveis. Diante dos resultados foi observado a não adesão em três contextos que foram separados como categorias.

Categoria 1 - Motivos de não adesão à vacinação contra influenza em crianças

Os autores dos artigos 1 e 5 vão de encontro a um estudo que aponta a discordância de informações devido aos pais não comparecerem nas datas previstas ou optarem por vacinar em outro local, desse modo, os cartões espelho guardados na instituição não continha as informações, sendo impossibilitados de garantir que ocorreram ou não a vacinação de algumas crianças⁸.

A literatura descreve que além do preenchimento correto das informações em fichas e cartão de vacina, é de responsabilidade não só da equipe da sala de vacina, mas de todos os profissionais de saúde sempre verificar a situação vacinal, especialmente de crianças. Essa interação entre os setores contribui para manter o controle vacinal da população, visto que, quando um setor verificar que determinado paciente não recebeu uma dose de vacina que está prevista, ele orientar a pessoa quanto a importância da vacinação¹⁶.

Estudo realizado no estado de São Paulo, no período de 2010 a 2020, sobre a cobertura vacinal, demonstrou que em 2016 e 2017, no Brasil, ocorreu baixa adesão as vacinações contra influenza devido à falta de vacinas nas unidades de saúde¹⁷. Desse modo, pode justificar o apontamento de do artigo 1, no que se refere a alegação dos pais quanto a escassez de vacinas na unidade pesquisada e a busca por outros locais para vacinar as crianças. Porém, é importante a comunicação para que a informação fique completa tanto nos sistemas de saúde quanto no cartão e fichas de vacinação da criança. Nesse sentido, um estudo¹⁸ descreveu que o enfermeiro

tem papel fundamental na adesão a vacinação, especialmente de crianças. Ele deve orientar os pais ou responsáveis e contribuir para que a vacinação ocorra de modo adequado.

Informações não verídicas são fortes aliadas para não adesão vacinal. Muitas dessas informações disponíveis pela mídia não evidenciam estudos precisos. Notícias falsas circulam em massa pelos meios sociais de comunicação. Questões variadas como fatores socioeconômicos, costumes, religiosidade, questões culturais, intensificam a decisão de não vacinar¹⁹.

A não adesão vacinal pode ocasionar um alto índice epidêmico, retornando patologias que haviam sido eliminadas, comprometendo o bem-estar da população¹⁹. É de suma importância que pais ou responsáveis entenda as vantagens de imunizar suas crianças¹⁷. A equipe de saúde deve levar essas informações de forma clara e convincente, e esclarecer a importância de se adquirir qualidade de vida através da vacinação. A equipe de saúde é a ferramenta indispensável na oferta de informações reais de apoio a saúde pública².

Categoria 2 - Motivos de não adesão à vacinação contra influenza em adultos

No estudo 2 os motivos apresentados entre os não aderentes foi 'não quis/não gosta'. Enquanto que, os autores do estudo 3 relataram a crença de que a vacina provoca reação, ou não consideram a vacina necessária, ou informaram ter esquecido de vacinar. Os autores do artigo 6 constataram como motivos para a não vacinação as fragilidades nas informações sobre a vacinação e as barreiras de acesso à vacinação. Ainda, os autores do artigo 7 destacaram que os idosos não aderem à vacina por considerarem desnecessário a imunização contra influenza.

Os determinantes da recusa/indecisão vacinal podem ser atribuídos à vários fatores socioculturais, políticos e pessoais²⁰. Um estudo de revisão também destacou como motivos relacionados a recusa vacinal, as dúvidas sobre a real necessidade das vacinas, preocupações com a segurança das vacinas, medo de possíveis eventos adversos, conceitos equivocados sobre a segurança e eficácia das vacinas: experiências anteriores negativas, desconfiança sobre a

seriedade da indústria produtora de vacinas e o sistema de saúde, pensamentos heurísticos, questões filosóficas e religiosas²⁰.

Em um estudo²¹ transversal, realizado com trabalhadores da atenção primária e da rede de saúde de cinco cidades da Bahia, entre 2010 e 2012, totalizando 3.084 respondentes, destes, cerca de 38,5% dos profissionais apresentaram prevalência de relato de vacinação completa para o calendário adulto. A baixa adesão à vacinação foi definida como comportamento influenciado por questões relacionadas à confiança, falta de percepção de risco, acesso à vacina, medo, desinteresse e falta da vacina. Os autores observaram que a perspectiva de risco iminente parece ainda modelar uma maior probabilidade de vacinação e de adesão a programas de proteção da saúde²¹.

Apesar do impacto na redução de casos e mortes por doenças imunopreveníveis, existem movimentos antivacinação cada vez mais frequentes e persuasivos. Eles utilizam táticas persuasivas de distorção e divulgam informações falsas, alegando alguma base científica e questionam tanto a eficácia, quanto a segurança de diversas vacinas. Há relatos em relação as vacinas: tríplice viral, adjuvantes e o conservante timerosal. A alegação é que a estas vacinas podem ocasionar autismo em crianças².

Os autores supracitados apontam também que as mídias divulgaram que houve a ocorrência de casos de paralisia temporária (Síndrome de Guillain-Barré (SGB) e Síndrome Postural Ortostática Taquicardizante (SPOT)) entre as jovens vacinadas contra o vírus HPV, após a imunização. Entretanto, a OMS informou que nenhum evento adverso grave foi constatado, mesmo após sua aplicação em milhões de pessoas, e que a ocorrência de SGB em pessoas vacinadas possui frequência similar aos casos de doença com causa desconhecida².

Um estudo realizado com profissionais da saúde indicou que a maioria dos participantes concordaram com a eficácia das vacinas, com a seriedade do PNI e que doenças imunopreveníveis podem ser evitadas com vacinas. Eles também alegaram presenciar recusa relacionadas à

vacinação, e nesses casos disseram que orientam as pessoas sobre os riscos e sobre a possibilidade de medida judicial contra pais e responsáveis que se recusam a vacinar seus filhos ou menores tutelados. Os participantes consideraram como possíveis causas de recusa vacinal: medo de eventos adversos; razões filosóficas; razões religiosas; e desconhecimento sobre a gravidade e frequência das doenças imunopreveníveis²².

Nesse contexto, a enfermagem pode realizar ações para reduzir os eventos relacionados à antivacinação, tais como: realizar investigação epidemiológica; identificar a taxa de vacinação relacionada à cobertura vacinal; identificar a maneira correta de atender ao público de acordo com cada território; realizar visitas domiciliares e captar usuários no território; realizar parceria com locais de circulação coletiva, como: instituições escolares, religiosas e outras instituições²³.

Por fim, há a necessidade de realizar educação em saúde sobre a imunização; orientar sobre a importância da imunização, principalmente, nos grupos de risco; manter a ordem e a disposição do atendimento ao público, nos Postos de Vacinação; preencher corretamente as fichas para controle e aprazamento das doses e datas subsequentes da vacina com a finalidade de realizar o controle da dispensação de doses, contribuindo para próximas avaliações epidemiológicas; e colaborar na elaboração de projetos de treinamento local para voluntários da comunidade e pessoas ligadas a instituições coletivas²³.

Categoria 3 - Motivos de não adesão a vacinação contra influenza em idosos

A maior parte dos estudos selecionados trata sobre a não adesão de pessoas idosas. Os estudos com idosos detectaram baixa adesão a vacinação e não atendimento as recomendações para novas doses. A não vacinação apresentou vários motivos, como: fatores relacionados a insegurança alimentar, ao estresse emocional, a percepção de boa saúde, a sintomas depressivos, ao sentimento de necessidade de consultar um médico sobre a vacina¹⁵.

No mesmo sentido, um estudo²⁴ epidemiológico de delineamento transversal, realizado com 1399 idosos do município de São Paulo, onde cerca de 73,8% foram vacinados. Os demais, não vacinados, alegaram que a vacina anti-influenza provoca gripe e 8,3% não acreditam na eficácia da vacina, justificando assim sua não adesão. Essa percepção negativa quanto à vacina influenza devido a crença de que ela provocaria a gripe prevaleceu entre os idosos com idade entre 70 e 80 anos²⁴.

A imunização é recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), tanto para indivíduos saudáveis quanto para os vulneráveis. Todavia, a vacinação em adultos, principalmente em idosos, tem se tornado um desafio. Muitos idosos acreditam que as vacinas causam doenças, não são eficazes, sentem insegurança, acreditam em boatos, especialmente aqueles relacionados à vacina antigripal. Aproximadamente, 83,2% dos idosos tem medo de ser vacinado e expressão o desejo de nunca vacinar²⁴⁻²⁵.

Conhecer o nível de informação da população sobre as vacinas, seus efeitos e contraindicações é essencial para que a população tenha 100% de confiança nos procedimentos e combate às doenças preveníveis. É preciso esclarecer a população sobre mitos e verdades das vacinas com o intuito de evitar que crianças fiquem sem vacinar, se expondo a riscos de doenças que podem levá-las a óbito²⁶. A vacinação pode ser vítima do próprio sucesso, ou seja, a eliminação ou controle de doenças evitáveis por vacinas pode alterar a percepção de risco, esmorecendo o incentivo à vacinação, levando a acreditar em argumentos sobre antivacinação²⁰.

Além disso, os profissionais que atuam em sala de vacinas precisam de educação permanente e atualizações. Uma pesquisa²⁷ realizada em 25 salas de vacinas da Região Ampliada Oeste-MG, que averiguou quais são os entraves que tem impedido a realização de Educação Permanente em Saúde (EPS) para estes profissionais, apontou a sobrecarga de trabalho associada com recursos humanos insuficientes; o distanciamento do enfermeiro da sala de vacina; e a falta de apoio das instâncias superiores (Memorando) como os principais motivos. Os autores salientam

que a EPS em sala de vacina deve buscar compreender o cotidiano desses profissionais, apresentar conhecimentos e habilidades técnicas atualizadas, indicar ações e mostrar a importância da vacinação e de orientar a população quanto as vacinas²⁷.

CONCLUSÃO

Diante dos estudos selecionados, verifica-se a importância da conscientização sobre a vacinação tanto para crianças, quanto para adultos e idosos. As alegações para a não adesão não têm fundamento científico, sendo demonstrado credices e mitos populares como motivos para não vacinar contra influenza.

As vacinas salvam milhares de vidas e sua eficácia tem sido comprovada ao longo das décadas. É importante intensificar campanhas que retratam os benefícios da vacinação, trabalhar educação em saúde, adotar estratégias e abordagens voltadas a cada público (crianças, jovens e idosos), com orientações voltadas a sanar os mitos sobre as vacinas e incentivar as pessoas a adesão, contribuindo para a redução dos movimentos antivacinas e boatos e falsas publicações sobre a eficácia dos imunizantes.

CONTRIBUIÇÕES

O estudo contribuiu para conscientizar sobre vacinação contra influenza, medidas para promover a adesão das pessoas na sociedade.

CONFLITO DE INTERESSES

Esta pesquisa não teve nenhum conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

1. Alves MDFS, Rodrigues JMC, Silva KSR, Fragoso EV, Vandesmet LCS. A história da vacina: uma abordagem imunológica. Mostra Científica de Biomedicina, Quixadá [internet] jun. 2019 [citado em 18 ago. 2020]; 4 (1) Disponível em: <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/mostrabiomedicina/article/view/3423>
2. APS LRMM, Piantola MAF, Pereira SA, Castro JT, Santos FAO, Ferreira LCS. Eventos Adversos de vacinas e as consequências da não vacinação uma análise crítica. Rev Saúde Pública [internet] 2018 [citado em 18 ago. 2020]; 52(40):1-13. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rsp/v52/pt_0034-8910-rsp-S1518-87872018052000384.pdf
3. Ministério da Saúde(BR). Manual de Vigilância Epidemiológica de Eventos Adversos Pós-Vacinação. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2014. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_vigilancia_epidemiologica_eventos_adversos_pos_vacinacao.pdf
4. Ministério da Saúde(BR). Plano Nacional de Imunizações - coberturas vacinais no Brasil. Período: 2010-2014. Secretaria de Vigilância em Saúde, Brasília: Ministério da Saúde, out, 2015. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/agosto/17/AACOBERTURAS-VACINAIS-NO-BRASIL---2010-2014.pdf>
5. Ministério da Saúde(BR). Fundação Nacional de Saúde - FUNASA. Cronologia Histórica da Saúde Pública, ago., 2017. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br/cronologia-historica-da-saude-publica>
6. Abrunheiro ASS. Vacina Universal do vírus influenza: Mito ou Realidade? 2017. 79fls. Monografia (Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas). Farmácia da Universidade de Coimbra [internet] set., 2017 [citado em 18 ago. 2020]. Disponível em: <https://eg.uc.pt/handle/10316/83640>
7. Sousa LMM, Marques-Vieira, CMA, Severino, SSP, Antunes A. A Metodologia de Revisão Integrativa da Literatura em Enfermagem. Rev Inv Enf [internet] 2017 [citado em 20 ago. 2020]; 21(2):17-26. Disponível em: <http://www.sinaisvitais.pt/images/stories/Rie/RIE21.pdf#page=17>
8. Dias LP, Dias MP. Avaliação dos fatores relacionados à não adesão à segunda dose da vacina H1N1 em um centro de saúde-escola. Rev Aten Saúde [internet] São Caetano do Sul, jan./mar., 2017 [citado em 20 set. 2021]; 15(51):34-45. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/4244/pdf
9. Neves RG, Duro SMS, Tomasi E. Vacinação contra influenza em idosos de Pelotas-RS, 2014: um estudo transversal de base populacional. Epidemiol Serv Saude [internet] Brasília, out-dez 2016 [citado em 20 set. 2021]; 25(4):755-766. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/gZ7gC5Sn7wjz6GgbcQGkCmQ/?format=html&lang=pt>
10. Silva LE, Lopes AV, Medeiros LR. Baixa adesão dos idosos a vacina contra o vírus influenza: um relato de experiência. Anais do 13º Congresso Internacional da Rede Unida [internet] 2018 [citado em 23 set. 2021]; 4(Supl 1). Disponível em: conferencia2018.redeunida.org.br/
11. Arrelias CCA, Bellissimo-Rodrigues F, Lima LCL, Rodrigues FFL, Teixeira CRS, Zanetti ML. Vacinação em pacientes com diabetes mellitus na atenção primária à saúde: cobertura e fatores associados. Rev Gaúcha Enferm [internet] 2017 [citado em 23 set. 2021];38(3):e66012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/WXPdPtPXfbTF9LJNfj5r8pC/abstract/?lang=pt>
12. Siewert JS, Clock D, Mergner PG, Rocha PFA da, Rocha MDHA da, Alvarez AM. Motivos da não adesão de crianças à campanha de vacinação contra a influenza. Cogitare Enferm [internet] 2018 [citado em 23 set. 2021];(23)3:e53788. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/download/53788/36571>

13. Andrade ABCA, Albuquerque BC, Garnelo L, Herkrath FJ. Vacinação contra a influenza autorreferida por idosos de áreas rurais ribeirinhas: implicação potencial dos achados frente à pandemia de covid-19 no Amazonas. *Rev Bras Geriatr Gerontol* [internet] 2021 citado em 25 out. 2021];24(3):e210094. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/ZS8NtWzJwXR9VmQW4QPjzqt/abstract/?lang=pt>
14. Matos AFF, Garcia SM, Campos AL, Araújo CC, Silva RB, Rocha ACAA, Almeida DR, Ramos ARS. Conhecimento e adesão vacinal dos idosos ao calendário de vacinação específico. *Brazilian Journal of Health Review* [internet] Curitiba, jan./fev.; 2021 [citado em 25 out. 2021];4(1):3093-3107. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/24855>
15. Meneghini KF, Hood CF, Menezes LO, Mendoza-Sassi RA, Dumith SC. Cobertura vacinal de influenza em idosos e adultos de alto risco: caracterização dos fatores associados. *einstein* (São Paulo). [internet] 2021 [citado em 25 out. 2021];19:eAO5830. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/S6JFcgmFTJyRNdCnnhnt6Q/?format=html&lang=pt>
16. Souza AM de, Gomes SF, Maciel AL. Responsabilização frente ao atraso vacinal: uma revisão bibliográfica. *X Mostra Integrada de Iniciação Científica* [internet] 2019 [citado em 9 dez. 2021]. Disponível em: <http://sys2.facos.edu.br/ocs/index.php/mostracientifica/XMIC/paper/viewPaper/904>
17. Senhorães ITC, Passos LM dos. Análise da cobertura vacinal no município de Santos de 2010 a 2020. Monografia (Bacharel em Biomedicina). Centro Universitário São Judas Tadeu - CSJT, 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/13522>
18. Costa P, Meneses NFA, Andrade PR, Hino P, Taminato M. A adesão à vacinação contra influenza. *Rev enferm UFPE on line* [internet] Recife, abr., 2019 [citado em 28 set. 2021];13(4):1151-6. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1021273>
19. Passos F, Filho MM. Movimento Antivacinal. Revisão Narrativa da Literatura sobre Fatores de Adesão e não Adesão à Vacinação. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos* [internet] jan./jun., 2020 [citado em 28 set. 2021]; 3(6):170-181. Disponível em: <http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/124>
20. Succi RC. Recusa vacinal: o que precisamos saber. *J Pediatr* [internet] Rio de Janeiro, out-dez; 2018 [citado em 23 set. 2021]; 94(6):574-8. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/jped/v94n6/pt_0021-7557-jped-94-06-0574.pdf
21. n ARAÚJO, T.M.; SOUZA, F.O.; PINHO, P.S. Vacinação e fatores associados entre trabalhadores da saúde. *Cad Saúde Pública*, v. 35, n. 4, p.:e00169618, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v35n4/1678-4464-csp-35-04-e00169618.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.
22. Mizuta AH, Succi GM, Montalli VAM, Succi RCM. Percepções acerca da importância das vacinas e da recusa vacinal numa escola de medicina. *Rev Paul Pediatr* [internet] 2019 [citado em 23 ago. 2021]; 37(1):34-40. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rpp/v37n1/0103-0582-rpp-2019-37-1-00008.pdf>
23. Polakiewicz RR. Ações de enfermagem frente ao fenômeno da não imunização. *PEBMED* [internet] ago; 2019. Disponível em: <https://pebmed.com.br/acoes-de-enfermagem-frente-ao-fenomeno-da-nao-imunizacao/>
24. Moura RF, Andrade FB, Duarte YAO, Lebrão ML, Antunes JLF. Fatores associados à adesão à vacinação antiinfluenza em idosos não institucionalizados, São Paulo, Brasil. *Cad Saúde Pública* [internet] Rio de Janeiro, out; 2015 [citado em 20 out. 2021]; 31(10):2157-2168. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v31n10/0102-311X-csp-31-10-2157.pdf>
25. Lino GG, Medeiros LB. Motivos que levam os idosos à recusa das vacinas: Uma Revisão Integrativa. 2018. 24fls. Monografia. (Bacharel em Enfermagem) Centro Universitário São

- Lucas, Porto Velho, 2018. Disponível em:
<http://revista.saolucas.edu.br/index.php/resc/article/download/1119/pdf>
26. Organização Panamericana de Saúde - OPAS. Mitos e fatos sobre vacinação. OPAS [internet] mar. 2016. Disponível em:
https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5361:mitos-e-fatos-sobre-vacinacao&Itemid=875
27. Martins JRT, Alexandre BGP, Oliveira VC, Viegas SMF. Educação permanente na sala de vacinas: qual é a realidade?. Rev Bras Enferm [internet] 2018 [citado em 28 out. 2021]; 71(Suppl 1):668-76. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/reben/v71s1/pt_0034-7167-reben-71-s1-0668.pdf.

